

Trabalhando no Laboratório das Artes, posso desfrutar da incrível visão de uma antiquíssima paineira sobrevivente de tempos antigos. O espécime tem uma floração maravilhosa, que nesse ano apareceu em abril, levando-me a pensar a razão do adiantamento, já que sempre floresceu em agosto/setembro. Seu relógio biológico teria sido alterado pelo aquecimento global que muitos teimam em negar? A região onde ela está, em terreno particular próximo ao entroncamento onde se encontram as águas dos córregos Cubatão e Bagres, foi palco de exploração mineral durante os anos 1950/60, havia ali uma pedreira da prefeitura utilizada para a pavimentação urbana. No mesmo lugar ficam as ruínas preservadas da primeira estação de tratamento de esgotos da cidade, o “bosteiro” como era conhecido, tombada como patrimônio histórico. Cheguei a coordenar um estudo para implantar ali um museu ambiental, nunca implantado.

O fato é que a pedreira forneceu material para a pavimentação de muitas ruas da cidade naqueles já longínquos anos. Com a expansão da cidade e o esgotamento da jazida em exploração, a pedreira foi encerrada nos anos 1960. Muitas cidades fizeram parques em áreas do tipo, como Ribeirão Preto e Curitiba. Aqui não, obviamente. O terreno da prefeitura foi simplesmente cedido a entidades empresariais para a instalação de um centro de negócios, projeto elaborado pelo arquiteto Zé Luiz Silva, mas que nunca foi em frente. Há mais de sessenta anos o local está vazio num dos pontos mais nobres da cidade sem cumprir a sua função social e ninguém se incomoda com isso, nem as entidades empresariais proprietárias, nem prefeito, vereadores ou MP.

Voltando à árvore, em suas proximidades está a extensão final da Rua Paraguai, no Jardim Consolação. Trata-se do último trecho de uma rua sem pavimentação na cidade em sua região central, é algo espantoso nenhum prefeito ter se interessado em concluir obra tão pequena.

A pavimentação em Franca iniciou em 1923, segundo o historiador Fransérgio Follis, quando ruas do centro da cidade passaram a receber o benefício com paralelepípedos, utilizado na maior parte da região central e dos acessos ao bairro onde se instalou a estação ferroviária. A partir do início dos anos 1950, a cidade começou a receber pavimentação asfáltica. Toda a região da Cidade Nova foi pavimentada com esse material na gestão do prefeito Ismael Alonso y Alonso e o avanço da tecnologia permitiu estender a pavimentação a muitas vias a partir dali.

Nos anos 1980, quando a ideologia da “cidade do automóvel” se sobrepôs a tudo, uma desastrada e anticológica decisão do prefeito Ary Balieiro levou à sobreposição de pavimento asfáltico sobre as camadas de paralelepípedo das ruas do centro e Estação. Nenhuma via sobreviveu para contar a história que foi apagada, embora de tempos em tempos eles teimem em reaparecer nalguns locais com o desgaste do asfaltamento.

É interessante observar como poderia ter sido a cidade ao olhar o único quarteirão da cidade pavimentado com blocos de concreto, defronte a Escola Jesus, Maria e José, na Vila Nova. Não só resistiu bem ao tempo como permite reposição sem grandes traumas ao pavimento, problema que se observa com os rasgos feitos malfeitos pela SABESP ou Prefeitura para realizar serviços nas redes de água, esgotos ou pluviais, com suas constantes imperfeições e afundamentos do pavimento que geram impropérios dos motoristas que caem nas valetas.

No final dos anos 1990, como secretário municipal de Planejamento no governo Dominici, tive oportunidade de participar da viabilização da legislação que finalmente exigiu para todos os novos parcelamentos do solo a obrigatoriedade de pavimentação das novas vias urbanas. Com a realização de esforços por parte da EMDEF, a empresa municipal de urbanização, por volta de 2010 praticamente não havia mais loteamentos sem pavimentação na zona urbana. A exceção fica para alguns empreendimentos de chácaras na zona rural.

Passados duzentos anos desde que a Vila Franca D’el Rey foi criada, resta o trechinho da Rua Paraguai. Tomara que resolvam isso antes da comemoração dos 400 anos.

Mauro Ferreira é arquiteto